

Pt
D.
R.
P.



O Gaiato

**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 3 de Maio de 1980 * Ano XXXVII — N.º 943 — Preço 5800

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AGORA

Esta epígrafe, como as outras sob que costumamos dar conta do que nos chega para os vários fins da Obra, não é uma enumeração profana de quantias, antes uma revelação de consciências inquietas pela injustiça que reina, uma penitência em que cada um dos que desfilam se empenha com a imaginação e generosidade de que é capaz, um sentido de restituição em ordem a uma sociedade mais perfeita em que todos tenham o mínimo necessário a uma vida de teor humano. Nem verbas, nem palavras são o importante. Esta é uma coluna de acção que começa por ser interior e reflectida e se manifesta em actos que, somados, vão permitindo realizar algo de concreto e afirmam que, se todos assim

pensassem e quisessem, não haveria problema capaz de resistir à vontade de o solucionar. Esta é uma notícia preñhe de sugestões para uma mudança de mentalidade, desde os que silenciosamente têm perseverado ao longo de anos e anos sem nunca acusarem cansaço ou se julgarem desobrigados, até aqueles que vão encontrando no quotidiano pistas de reflexão que lhes dita o agir e os impele a comunicar.

Vejamos:

«Caros Amigos

Pelo que me custou um modesto enterro de pessoa de família há pouco falecida, posso avaliar o que se gasta numa dessas manifestações fúnebres em que as flores são às carra-

das e o caixão de chumbo em urna de mogno se destina a ser depositado em mausoléu de pedra lavrada.

Que cada um dê a esse acto o esplendor que quiser, segundo sua mentalidade e capacidade de bolsa... Porém, actualmente, em que o País se debate na maior crise de habitação da sua história e em que tantas famílias, por falta de recursos, vivem em verdadeiros tugúrios, gastar tanto com uma cerimónia para dar morada a simples restos mortais, e tão pouco ou nada fazer pela melhoria da morada de tantos infelizes, parece-me ser para com estes, uma cruel injustiça.

Sepultar os mortos é sem dúvida acto louvável; mas, nas presentes circunstâncias — dar casa aos vivos necessitados — é ainda mais louvável e acima de tudo... mais útil!

Se se poupasse um pouco nos funerais, e se todos, em homenagem aos seus entes queridos, enviassem uma quantia segundo suas posses para a melhoria da habitação de tantos infelizes, afigura-se-me que seus mortos seriam desta

Cont. na 4.ª página

AUTO-CONSTRUÇÃO

Levantar uma moradia pelo sistema de Auto-construção é um caso muito sério!

Os responsáveis do Poder precisam de analisar o problema suficientemente, em profundidade, e contabilizar a recessão provocada na construção de moradias de, para e pelos Trabalhadores, exactamente pela dispersão e exigências burocráticas no decorrer do processo.

A viabilidade de construção implica: Levantamento topográfico; autorização dos Serviços Agrícolas (terrenos classificados em A, B, C...); deferimento camarário do loteamento com prévia audição dos Serviços de Planeamento Urbanístico da Região; deferimento do projecto do edificio com prévia audição da Delegação de Saúde concelhia (água, saneamento...); etc. Depois da obra concluída: vistorias (...) até à concessão da licença de habitação. Uma infinidade de papel selado em vários departamentos! Procissão que desanima e desmotiva o mais incauto cidadão!

Nesta viagem espinhosa à conquista do Evereste, depara-se toda a gama de interpretações pessoais e/ou sectoriais, da lei, o que gera despesas incontáveis, milhões de horas improdutivas, situações dramáticas para os proprietários dos terrenos e, concomitantemente, para os Auto-construtores.

A construção de moradias requiere um mínimo de planeamento, regras que defendam o ordenamento do território. Ninguém duvida! Agora o que não está certo — e vamos a um caso muito concreto — é que num loteamento essencialmente rural, o proprietário (e os Auto-construtores...) seja obrigado superiormente a calcetar os arruamentos dos lotes, inclusive o cativo da edilidade, como se se tratasse de zona retintamente cidadina! Optimização

Continua na TERCEIRA página



A vassoura-brinquedo é maior que o Edgar, «batatinha» da nossa Aldeia de Paço de Sousa. Um amor de criança, sem eira nem beira, que andava por lá. E tão carecido de afecto que não larga o chefe da Comunidade. Onde o Costa, aí está o Edgar!

AQUI, LISBOA!

«Nunca como hoje o mundo esteve cheio e ameaça encher-se cada vez mais de crianças sem família; umas porque a não têm; outras sim, mas não serve.»

(Pai Américo)

A destruição da família e a dissolução do seu horizonte social estão na origem do aumento da delinquência juvenil no chamado mundo ocidental. O seu mau funcionamento ou a sua inexistência levam os jovens, por carência daquela célula primordial da sociedade, a procurar, fora do habitat natural de resguardo e de protecção entre a criança e o mundo envolvente, defesas ou compensações, integrando-se em grupos ou bandos que, à partida, mais do que fins criminosos, pretendem imitar os adultos ou comportar-se como tais. Estas as conclusões ge-

néricas a que podemos chegar ante a realidade dos factos.

Uma coisa é certa: se os pais se demitem das suas responsabilidades ou são forçados a renunciar a elas por imperativos materiais ou outros, as crianças terão de procurar no exterior aquilo a que naturalmente têm direito: carinho, atenção, diálogo e pulso equilibrado, mais normativo, claro, que punitivo. Chegados a estas situações, ante a insegurança sentida, os jovens ficarão à mercê da iniciação a fornecer por elementos mais «sabidos» e daí ao crime, à droga ou à prostituição, mediará um passo.

Uma Escola despersonalizada, com ensino medíocre, mais do que superficial, sem interesse e sem futuro, contribuirá em larga medida para o aumento da perversão e dos desequilíbrios em geral. Haja em vista aquilo que se tem passado em muitas Escolas e o que os acontecimentos de Torremolinos poderão, até certo ponto, indiciar. Associações de pais penetradas dos seus deveres e direitos, em permanente ligação com as Escolas, são indispensáveis. Muitas desgraças se evitariam

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FESTAS — Recomeçaram os ensaios do programa da Festa que a nossa Comunidade de Paço de Sousa, no ano transacto, apresentou em várias localidades do Norte do País. Estão na agenda algumas Festas por várias terras que não receberam a nossa visita.

Este ano, nem a nossa Comunidade nem a de Coimbra irão ao Coliseu do Porto, visto o programa não ser inédito. Oxalá que pelas terras onde vamos actuar tudo corra às mil maravilhas.

NINHOS — Como estamos na Primavera, a mais linda estação do ano, alguns passarinhos começaram a construir os seus ninhos. Mas é pena que se destrua tudo aquilo que os pássaros constroem!

Padre Moura, no dia 20, no fim da oração da tarde, recomendou que não destruam os ninhos, pois, junto da nossa piscina, encontrou um desfeito. Frizou para não os estragarem, nem irem buscar os pássaros, ainda pequeninos, aos ninhos. Por isso o Nando formulou uma pergunta bem boa ao Padre Moura: — «Padre Moura, quem manda nos ninhos? São os passarinhos ou o Atalaia?» Aqui fica uma pergunta oportuna feita pelo Nando ao Padre Moura.

TORNEIO DO C. C. DE CÊTE — Realizou-se um torneio, organizado pelo Centro Cultural de Cête, em que se disputaram as modalidades seguintes: Tênis de mesa, Xadrez, Damas e Atletismo. As classificações dos nossos atletas foram as seguintes:

Tênis de mesa: 2.º «Rebuçados», 3.º Oliveira, 5.º «Faneça».



Gomes e Maria José casaram, recentemente, em nossa Capela de Paço de Sousa.

Xadrez: 3.º «Régua», Álvaro entrou nesta prova, mas perdeu nas primeiras eliminatórias, assim como em Damas.

Atletismo — Na prova dos mais pequenos, 200 metros, o 9.º lugar coube ao Tózinho. Na prova de 400 metros: «Piasquinha» em 5.º lugar. Nos 800 metros: 2.º Joaquim e 3.º «Perna-longa». Três mil metros, o percurso foi rápido: 1.º lugar Álvaro, 2.º Ulisses, 6.º Henrique e 10.º «Faniqueira». Depois, no domingo, dia 20, à tarde, houve a prova de 10 mil metros, em que alguns dos nossos correram bastante bem: 2.º Ulisses, 3.º Álvaro, 5.º Henrique.

No fim, houve a entrega de prémios, cabendo-nos o 1.º lugar por equipas. Recebemos uma grande taça. Tudo correu da melhor maneira, como se previa.

ELEIÇÕES — Houve eleições para a escolha do responsável da secção de desporto, pois o Álvaro terá de partir para Angola. Foi eleito o Morgado. Oxalá que o novo responsável desempenhe a sua tarefa com simplicidade e com a ajuda de todos, pois só assim poderemos continuar a usufruir dos desportos que a nossa Comunidade tanto gosta. Prestemos-lhe ajuda e, assim, se desenvolverão mais actividades desportivas para os nossos tempos livres.

«Salsichas»

AULAS DE ESTÉTICA — O meu silêncio foi notado e não faltou o Armando, nosso orientador gráfico, a perguntar porquê eu nunca mais escrevi.

Pois bem, o «Salsichas» tem que se ir adaptando visto que fui chamado a cumprir o serviço militar. E que bem ele dá conta do recado!

As nossas aulas de estética continuam com caras novas. A sala está decorada com trabalhos a óleo e desenhos que a embelezam e dizem do ambiente.

É inesgotável o incentivo dado pelo Armando nos sábados de manhã. De varinha na mão (não é para bater!) vigia e ajuda atentamente o trabalho de cada um e exige conforme as aptidões do artista.

Temos feito muitas coisas com agrado e esperamos, mais lá para diante, fazer uma exposição dos nossos trabalhos que são para mostrar.

Há dias fez uma proposta: irmos ver uma anta numa localidade daqui perto e na passagem faríamos uma visita de estudo ao museu de Penafiel.

Oxalá os novos «artistas» possam dar todo o seu contributo para que nasçam novos trabalhos, melhores que os anteriores.

«Marcelino»

Setúbal

CIGANOS — Armando e Modesto são dois irmãos, de família cigana. Andam na Escola, trabalham, têm a sua cama e sentam-se à mesa com os outros. Milagre? Não. Por isso é que eu dizia noutro dia do gosto

que se pode incutir nos ciganos. É dar-lhes com que eles se sintam iguais aos outros. Tem acontecido o contrário: Onde eles têm barracas, nascem prédios para outros, e lá vão eles «armar barraca» para outro sítio.

Um dos nossos, que anda no Pro-pedêutico, tem hora para dar aulas aos ciganos que aparecem.

— «Aparecem poucos» — diz ele. Não admira: como é que hão-de ter gosto pelas letras se vivem no meio de trapos? E a barriga? E os que olham sem os quererem conhecer? Colocámo-los num aparte que os diminui e isola. No entanto, também eles querem deixar os trapos e viverem em sociedade que não os repele. São humanos como nós. Se lhes dermos gosto, eles saberão ganhá-lo e transmiti-lo aos filhos. Quisera eu que as Autarquias sentissem na sua pele a carne dos ciganos. O nosso Fausto, que lhes dá aulas, falou-me dum que vive numa casa e lhe disse: «Para pagar a renda, um dia como eu, outro come a minha mulher». Ora aqui tens do que o gosto de possuir uma casa é capaz. Tens aqui que pensar.

PÁSCOA — A nossa Páscoa começou pela presença de alguns dos mais velhos num convívio de jovens. Nós assistimos ao encerramento desse convívio. Entre outros testemunhos, um deles deixou-me algo que pensar: «Estes dias de convívio levaram-me a uma conclusão: de que Jesus Cristo é o melhor».

Depois, veio a Quinta-feira. À tardinha, celebrámos a Humildade da lavagem dos pés, e depois a Eucaristia. «Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei.» O Mandamento Novo que não nos deixa dúvidas da sua eficácia. Para atestá-lo, o testemunho daquele jovem: «... Cristo é o melhor».

Queríamos lavar os pés às multidões, desejaríamos que essas multidões sentissem a necessidade de se deixarem lavar...

Depois fomos para a sala de jantar, continuar a celebração Pascal. Ali há os que servem mai-fos que são servidos. Ali há alegria. Os que foram ao convívio transbordaram dessa alegria e contagiaram outros. Pregar a Morte do Senhor para que haja Vida nos nossos, é nosso dever. Tudo isto eles compreenderão um dia e serão marcados.

No Domingo de Páscoa celebrámos a Ressurreição. Eu não estive presente senão à tardinha, a tempo de ver ainda estampada nos rostos a alegria do dia.

Fomos dormir contentes pelas alegrias de toda esta Semana Santa, onde nem os passos da Paixão nos ensombraram os rostos.

PASSARINHOS — A Primavera chegou. Com ela, veio também o entusiasmo deles pelos ninhos e pelos passarinhos.

Hoje, manhã cedo, fui dar com um melro junto do Raimundo que trabalhava ao banco de carpinteiro. Só queria que visses ele entusiasmando a trabalhar! O pássaro como que a compartilhar daquele entusiasmo. A liberdade do homem que tanto iguala a do passarinho, tão detur-

pada é por via de se confundir o interior com o exterior das gentes. Nas Casas do Gaiato, quanto mais liberdade mais responsabilidade. Pai Américo ensinou-nos assim e nós ainda não encontramos ideia ou experiência melhores.

FUGA — Dois algarvios «fugiram». São dois irmãos. Estavam connosco há cerca de cinco meses. A mãe veio ontem trazê-los. Contou de como lhe apareceram. Disse de como um deles a quis ajudar nas lidas da casa, e o outro a tratar dos coelhos. Espantou-se da transformação em tão pouco tempo. Oh! milagre dos azares em nossa Casa! Mesmo assim, a recordação da rua levou-os à odisseia da fuga. Queríamos que não se repetisse.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É viúva. Durante muito tempo suprimos aquilo a que, por justiça, tem direito.

Foi uma luta tremenda até se conseguirem a almejada pensão. «Dossier» de vários anos. Mas não desanimámos! Temos de ser objectivos, aparentemente duros, que a Voz dos Pobres ainda é relegada — no meio de tanta cantilena de cegos. E há que a pôr no devido lugar, porque a força da verdade é o princípio da Justiça. O Mundo não entende que os Pobres são os preferidos do Mestre...

Com a pensão de sobrevivência — uma côdea — a pobre mulher dispensa a nossa mão: — «Já chega pró caldo...»

Não parámos! Chega a altura de se organizar o processo para colheita da pensão de reforma, oportunamente deferido. Fica com o suficiente, graças a Deus. Todos estes factores contribuíram para a sua promoção social.

Chegámos a duvidar da possibilidade legal de acumulação d'ambas as pensões. Mas, em casos extremos, recorremos a uma Assistente Social de determinada Caixa, tão qualificada que nada lhe escapa e é capaz de mexer este mundo e o outro. Quem no-la dera ver à frente de um oportuníssimo e generalizado complexo 115 que pudesse atender os Pobres das Caixas de toda a vasta zona norte! O País ficaria mais rico; exactamente porque eles, os Pobres, seriam atendidos como senhores, não como marginais.

Ela, a Assistente Social, que faz da sua profissão um autêntico sacerdócio, esclarece-nos em quatro palavras que não há problema na duplicação de pensões diferentes. Sossegámos. E sossegámos a viúva.

Mais: Esta viúva, no limiar da terceira idade, vivia angustiada pela solidão. Meteu-se a caminho e toma conta de uma criança da Rua. Uma jóia de menina! A mãe cede-lha por adopção, justificando a entrega com assinatura reconhecida no tabelião.

Agora, é só organizar o processo de tutela no Tribunal da comarca. Mas são contos de réis. Que pena!

É lamentável que a legislação do País sobrecarregue a formalização da adopção com encargos fora do alcance dos Pobres! São os honorários do causídico, papéis selados — quais arames farpados!

O processo de tutela vai ter que esperar...

Apesar de não sermos ouvidos pelos responsáveis, aqui fica o desabafo — como eco do desabafo dos Pobres.

PARTILHA — A. F., do Porto, 350\$00 «por alma de minha ayozinha Cyrena e por alma de meu Pai». Um assinante da casa dos mil entrega 500\$00 no Espelho da Moda (Porto). Um Vicentino de Lisboa — que aparece assiduamente — vem ao Porto e, de passagem, deixa o dobro, com votos de «Santa Páscoa na Paz do Senhor, morto e ressuscitado. Que o Senhor Jesus seja o penhor da ressurreição nossa e de todos os pecadores, em especial do nosso querido Portugal».

M. M. G., 200\$00. Assinante 19177, 50\$00. A 10068 com 500\$00. Duas presenças de «Uma portuense qualquer»; a última para que os Pobres «sintam que são lembrados de uma maneira especial neste «tempo forte» que vivemos há semanas». Mil e cem escudos, de Lisboa, com os olhos no Alto. Santiago do Cacém:

«Envio um cheque para daí distribuírem 500\$00 à Conferência».

Sou vicentino desde os bancos universitários e, por isso, sei muito bem das dificuldades... Aceitai este pequeno óbulo da viúva do Evangelho.

Como sempre tenho feito, rogo umas preces pela alma de minha mulher.

Estou sempre suspirando pela chegada do «Famoso». Sabeis que me enteneço sempre com a sua leitura? Quanto bem espiritual me tem trazido! Funciona como um despertador desta minha alma, por vezes dormiente.»

Assinante 1295, 200\$00. Viúva do Porto, assinante 26755, com 100\$00, sublinhando: «Tenho pena ser tão pouco, mas é preciso para outras Obras e a minha pensão de sobrevivência é pequena». Óbulo da Viúva!

«Velha amiga» de Lisboa, 550\$00. Mafra, 100\$00. Assinante de Paço de Arcos o contributo habitual, desta vez dois mil escudos. Damos graças a Deus pela sua constância! R. da Lapa, Lisboa, 200\$00. Assinante 30746 distribui, pela Conferência, o excedente de contas em dia com O GAIATO. Assinante de Oeiras, sob anonimato, partilha um vale do correio afirmando: «Ficarei contente se puderem acudir a qualquer aflição». Que bem! Assinante 23618, de Lisboa, quinhentos escudos. Por fim, uma presença simpatíssima: «Para os Pobres esta modesta migalha com todo o carinho de uma avó de um só netinho, muito e muito querido».

Retribuímos, com amizade, os votos de Santa Páscoa no Senhor Jesus. Deus lhes pague.

Júlio Mendes

AUTO-CONSTRUÇÃO

Continuação da PRIMEIRA página

made in Portugal! Por ironia do destino, o principal caminho de acesso e os vicinais adjacentes seriam intransitáveis se os habitantes não vergassem a espinha, suprindo omissões... É um problema de ética, na medida em que se exige aos outros o que se não faz.

No caso vertente, e no intuito de salvar o investimento colectivo, os Auto-construtores dispõem-se livremente a tomar à sua conta, pelos seus braços e pelo seu dinheiro, o calcetamento dos arruamentos. Há que segurar o terreno... Mas, no que toca ao calcetamento no lote cativo, do domínio público, justo seria fosse a carga das finanças públicas.

Pelo respeito que nos merecem os Auto-construtores — e quantos investem na construção civil para dar abrigo aos sem-abrigo — somos de opinião que os serviços responsáveis pela aplicação das regras vigentes de planeamento urbanístico deveriam ser totalmente simplificados e passaram a nível concelhio. Nas zonas do interior isso exigiria dos serviços técnicos camarários uma divisão de tarefas, com técnicos competentes nos vários domínios. Assim, com um mínimo de competência, seriedade e eficácia, dar-se-ia confiança ao cidadão e seria um grande estímulo à construção de moradias; sobretudo na zona norte do País, onde milhares delas são construídas em regime de Auto-construção.

É urgente a solução do problema. Protelar, com as desculpas habituais, seria desacreditar os nossos quadros técnicos, pois se o recente congresso dos Engenheiros concluiu pela exportação de Tecnologia!

Com a actual dispersão de serviços, o País perde muito investimento dos seus filhos — milhares de contos — nos domínios da habitação! E que o Estado (nos meios urbanos...) procura suprir — insuficientemente — por intermédio do F. F. H., etc.

Reservámos para o fim, intencionalmente, o problema das construções clandestinas. Muito se tem escrito, e deplorado, a situação de milhares de casas em todo o País, nestas circunstâncias! Sem aprofundar o assunto e no que toca essencialmente ao meio rural — elas são o corolário da tremenda inflação burocrática e da falta de apoio ao Auto-construtor. Apoio que deveria existir, segundo a letra da Constituição — em defesa da Família.

Alguns Auto-construtores vêm-se tão naufragados nos escolhos referidos — sem ninguém lhes dar a mão — que prevaricam. Atribuir-lhes culpa? São mais vítimas do que réus! Por isso, merecem o devido respeito do País — e dos responsáveis do Poder.

x x x

P. S. — O actual Secretário de Estado da Habitação, em recente entrevista concedida à Imprensa, declara que «em Portugal nunca existiu, nem existe ainda, uma política de habitação com um mínimo de coerência e de eficácia».

Na opinião daquele membro do Governo «tudo tem sido feito de forma pontual», pelo que muitas medidas tomadas não surtiram os efeitos desejados «ou foram mesmo contraproducentes, por estas terem sido decididas isoladamente, sem ter em atenção o conjunto dos problemas do sector, ou mesmo os aspectos de complementaridade directa».

Depois de se referir às habituais questões ligadas ao crédito, sublinhou que já «desencadeou os estudos necessários, tendo em vista a definição das normas habitacionais do futuro e da forma e processo de as pôr em prática».

Vamos a ver se, nesta conjuntura, as justas queixas e os tremendos prejuízos que sofrem os Auto-construtores, continuarão a cair em saco roto!

Júlio Mendes

Foi assim a sua conversa comigo: — «Aqui trago 2.000\$ que tirei à minha pequena reforma, para pagar o nosso jornal e para a Obra. Tenho 86 anos e já andei na I Grande Guerra. Sofro um pouco da cabeça, dos gases que lá apanhei... Ai, a harmonia é a coisa mais bonita do mundo! Agora, gosto de repartir com o meu semelhante. Todos devíamos saber repartir! Para quê

UM REFORMADO

arranjar tesouros? Basta o pão de cada dia! Não tenho filhos. Só tenho sobrinhos e não quero que eles andem em guerras depois, com aquilo que hoje é meu. Por isso, vou repartindo. Tesouros? Só o da glória da outra Vida!»

Isto foi dito cara-a-cara. As palavras saíam-lhe pela boca, pelos gestos, pelo olhar e pelo coração! O discurso não estava preparado! O coração é que falou... da guerra e da Paz entre os homens! Da Justiça, do repartir! Dos tesouros mate-

Cont. da 1.ª página

se os progenitores estivessem atentos à natureza e à qualidade do ensino ministrado e ao dia-a-dia dos seus filhos na sua vida escolar (e não só).

Afirma-se que a violência corresponde a uma necessidade das sociedades primitivas e que ela se afirma de outros modos nas chamadas sociedades evoluídas, pelo elitismo e pelo espírito de competição. Eliminados estes escapes pela tendência actual ao igualitarismo, os jovens, não tendo nenhuma hipótese de se afirmar pelo esforço pessoal, notadamente no domínio escolar, redescobriram a violência. É uma explicação que rejeitamos no seu aspecto totalizante. Houvesse noção dos valores morais e do espírito e empenhamento na sua exemplificação, por parte das famílias e dos educadores, a violência e o crime teriam uma dimensão muito menor, até porque a formação de elites é indis-

AQUI LISBOA!

pensável e não tem nada a ver com elitismo e igualitarismo, não é coincidente com a igualdade e uma maior justiça. E em todos estes campos as famílias compenetradas e conscientes não podem ou não devem abdicar da observância dos seus compromissos, assumindo-os em pleno e instaurando no seu seio o primeiro espaço de formação e educação dos seus membros.

Os cuidados e as tensões dos pais em relação aos filhos devem ser tanto mais esforçados quanto sabemos que, na vida actual, os adolescentes e os jovens em geral, adquirem mais depressa uma certa experiência ou, se se quiser, uma relativa maturidade, que está, aliás, na origem de situar aos 18 anos a idade da maioridade. Daí que os problemas e a criminalidade juvenis tenham, também, tendência para se colo-

carem, cada vez mais, em idades menos avançadas. A vida vive-se, por assim dizer, mais depressa, sem tempo para uma sedimentação adequada dos valores e da própria personalidade.

Consciencializar as famílias é, pois, um dever elementar de quem quer o desenvolvimento harmónico e salutar da vida social. Fortalecer a sua coesão e inculcar-lhe o sentido das responsabilidades é um dever, à luz dos mais elementares princípios, e uma exigência implícita à sua própria natureza constitutiva. Muitos dos pequenos criminosos que por aí há mais não são do que a consequência trágica do comportamento dos pais e da sociedade em que vivemos, onde o materialismo impera e se vai perdendo o sentido da consciência moral, individual e colectiva. É tempo de acordar.

● A vida não pára e exige, a cada momento, respostas adequadas às temáticas sempre renovadas que vão surgindo. Vem isto a propósito da arma de dois gumes que é a Televisão e que, por falta de soluções convenientes das famílias, aliás nem sempre fáceis, tantos prejuízos vem causando no seu seio, como a perda de intimidade e a ausência de ocasião para o diálogo e a troca de impressões. Muitos pais, não só não cumprem com seus deveres e renunciam à atenção aos filhos como, depois de um dia de trabalho e de cansaças diversas, se sentam, por norma, em frente dum televisor, de olhar fixo em programas muitas vezes de escasso valor ou interesse. Respeitando embora a fadiga de quem labuta e a necessidade de relaxe consequente, é caso para perguntar que hierarquia de valores se estabelece e em quantas ocasiões, por exemplo, os pais com capacidade ou conhecimentos, se aproximam dos filhos para acompanhar os seus trabalhos escolares e, porventura, dar alguma explicação ou desfazer alguma dúvida. Isto sem esquecer também a preocupação da adaptação de horários proporcionados às idades dos jovens e à escolha dos programas susceptíveis de serem vistos sem consequências nefastas. Não basta que sublinhemos a realidade que temos, de uma televisão fraca e plena de programas de discutível valor moral, mas é preciso que estejamos alerta e, tanto quanto nos for possível, sem contemporizações excessivas, assumirmos os nossos deveres. Problema difícil a requerer atenção cuidada.

Verificámos, através das nossas investigações, que, em certos países — ricos em petróleo e matérias-primas — onde o produto nacional bruto por pessoa é muito elevado, o estado sanitário da população continua baixíssimo».

Uma acção da UNICEF são as «Urgências silenciosas»: fornecimento de auxílios urgentes. «Forma de intervenção que não queremos abandonar — prossegue James Grant — como «missão inicial» da organização, «criada após a II Guerra Mundial para auxílio às crianças vítimas da guerra. Continuamos esse tipo de acção, mas há também as urgências de que não se fala: por exemplo os quinze milhões de crianças de mama que morrem anualmente no Terceiro Mundo. Pelo menos treze milhões não teriam morrido se tivessem nascido nos países industrializados. Metade dessas crianças morrem das consequências directas da desnutrição. O equivalente a Hiroshima: de três em três dias, cem mil mortos!»

O mundo da fome!

Júlio Mendes

riaes e do outro Tesouro! Do pão-de-cada-dia!

É um pobre reformado, sem letras, mas bem cheio do Espírito da Letra. Eu fiquei calado perante a Sabedoria, a Doutrina e a Pobreza.

Por fim, um último pedido daquele Homem: — «Se alguma vez puserem no jornal o meu donativo, digam só: um anónimo de Rito Tinto».

O essencial será o que fica escrito eternamente! Assim acreditamos, também.

Padre Moura

Padre Luiz



De passagem pela nossa Casa de Setúbal, e já muito depois do jantar, P.e Acílio diz-nos que os Rapazes vão ensaiar para as Festas. E é assim todos os serões. Na Casa do Tojal (Lisboa) já há muito sabemos que o programa está alinhavado e a postos para sair.

No norte, este ano, os Rapazes estão de folga. Em Coimbra e Miranda do Corvo há movimentação todos os dias e quando esta chegar a vossos olhos já eles andam em marcha pelas terras do Centro do País.

Muita atenção, pois, à marcha.

Padre Horácio

Dia	3 de Maio,	às	21.30	—	Salão da Casa do Povo de MIRA
»	4	»	»	»	15.30 — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
»	9	»	»	»	21.30 — Cine - Teatro de TOMAR
»	10	»	»	»	— Salão dos Bombeiros CANTANHEDE
»	11	»	»	»	11 h — Cinema Monumental - LISBOA
»	18	»	»	»	21.30 — Teatro Alves Coelho — ARGANIL
»	23	»	»	»	— Teatro-Cine COVILHÃ
»	24	»	»	»	15.30 — Cinema Gardunha — FUNDÃO
»	25	»	»	»	— Cine-Teatro Avenida — CASTELO BRANCO
»	30	»	»	»	21.30 — Cine - Teatro Império — LOUSÃ
»	6 de Junho	»	»	»	— Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA
»	7	»	»	»	— Teatro de Anadia ANADIA
»	14	»	»	»	— Cine-Teatro Mesias MEALHADA

Cont. da 1.ª página

forma melhor homenageados e, além disso, por este gesto, contribuiriam eficientemente para acabar com esse verdadeiro flagelo que são os Bairros de Lata e outras formas degradantes de habitação, cuja eliminação devia ser actualmente tarefa urgente e prioritária, não só dos Governos como também de todos nós, sem o que não haverá paz e segurança nas ruas e muito menos... democracia!

Porque assim penso, queiram fazer o favor de destacar do cheque incluso a importância de 5.000\$00 para com ela ajudarem um Auto-construtor a realizar o seu sonho.»

Pai Américo escreveu o mesmo há muitos anos: «Se é obra de misericórdia sepultar os mortos, o que não será dar casa aos vivos?!»

Outro testemunho que não é novo nem singular:

«Junto vão oito contos para ajudar alguém a fazer a sua casinha. Vamos tentar fazer uma casa para nós numa quintinha que temos e não me julgo no direito de ter duas casas quando tantos não têm nenhuma. É pouco, mas dará pelo menos algumas telhas. Vou tentar todos os meses pôr alguma coisa de lado para este fim.»

A «procissão» prossegue e ir-nos-á proporcionando mais sinais de inquietação: «O outro cheque, de 5.000\$00, é para ajuda de algum casal auto-construtor que precise de pôr telhado no seu lar». É de Braga. Guimarães aparece com vinte contos, de Maria Fernanda.

Agora é Lisboa: mil da Rua Conde de Almoester e igual importância do assinante 31104, metade de Anabela e três mil «em memória de meu Pai que, se fosse vivo, faria hoje 103 anos». Um médico da capital, em carta repassada de amizade e confiança que Deus nos ajude a merecer, envia quinze contos (a repartir também pela Casa do Gaiato e pelo Calvário) e esta justificação: «Quis Deus favorecer-nos com um benefício económico e assim sentimos, minha mulher e eu, que não podemos esquecer-nos das carências dos Pobres. Que o Espírito Santo vos ilumine e continue a possibilitar e alargar a Obra de proteger os nossos Irmãos em Cristo que vivem em provação». 1.500\$ da Praça de Alvalade e o dobro da R. Tristão Vaz. É a vez de uma reformada dos Correios: 800\$00 «para tijolos» e «vou fazer por juntar migalhinhas para todos os meses mandar. Gostaria fossem para ajuda da construção de uma

casa, pois, como sempre sonhei ter uma casa minha, mas em Lisboa isso é impossível a quem vive exclusivamente do seu ordenado, nunca consegui realizar o meu sonho. Sentir-me-ei portanto muito alegre se, com as minhas migalhas, ajudar a realizar o desejo de alguém que, como eu, sonhou». Não é da carne nem do sangue que brota esta alegria pela realização do sonho de outrém quando o seu próprio não foi conseguido; vem da circulação da Vida divina: «é Ele que vive em mim».

Subamos um pouco, a Alcobaca. De lá vêm dez contos «pensando que talvez aquele pai de família de 12 filhos de que falou O GAIATO, ainda não tivesse todas as suas despesas solucionadas».

Rumemos a mais longe: Portimão, com o mesmo pensamento no casal de 12 filhos, envia trinta contos. E Petropolis, no Brasil, mandou depositar no Espelho da Moda, cinco contos, para pagar duas assinaturas e o restante «gostaria que fosse aplicado nas obras de bem-fazer brotadas da Obra da Rua. Mas são tantas e tão simpáticas que o nosso desejo seria contribuir, mesmo em pequeno, para todas elas. Como isso é impossível, resolvemos nós, com a licença que nos foi concedida, juntar tudo no mealheiro dos Auto-construtores.

Voltemos ao norte. É o Joaquim, de Vila Real, com 300\$. Quinhentos do Porto, da assinante 9022. Igual importância de Mariana. Dez vezes mais, «referente a aumentos de ordenado e extras» de Duas Irmãs, «continuadoras daquela assinante (nossa saudosa Mãe), que assim perpetuam o seu nome». Quatrocentos escudos do Bairro da Azenha e 100\$ de Lúcia. «1750\$00 para os fins que julgarem mais convenientes, em sufrágio de minha querida Mãe». Julgamos este. E mais este: — «Envio 1.000\$ que fará o favor de aplicar como entender». Vinte contos de um seguro de vida de um grande Amigo que passou a vida partilhando, no que é continuado por sua Esposa.

Da Agrela 50 contos. De Braga, dois, «com um abraço para todos os grandes e pequenos que vivem nessa Casa» e esta sábia perspectiva: «Quan-

do chegar a morte, já mandámos à nossa frente o material para a nossa nova casa, que o Senhor fará consoante o que fizemos neste mundo pelos nossos irmãos».

Passam agora os Pessoais. Do da ex-Hidro-Eléctrica do Cávado damos conta de sete presenças. Do da Caixa Têxtil do Porto, quatro, uma delas mais graúda, a do Natal. E aparece, não sei se para continuar, uma recolha entre trabalhadores da AZÉ que somam 1.310\$00.

Continuemos entre os conhecidos pela sua assídua visita a esta coluna: A Alice com «cinco gotinhas». Quinze contos para a Casa Carolina, mas com a delicada indicação: «Pode empregar em qualquer lado». A Maria Antonieta com mais mil. J. P. R. com o seu sorriso portador de paz, todos os meses, no nosso Lar do Porto. «Cruz» da Beira. Mais dez contos para a Casa Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. A «mensalidade da Augusta e «que Deus me dê vontade de dar cada vez mais» e «o meu muito obrigado por tudo». E a Odete de Oliveira do Hospital. Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, 21.380\$00. E 2.000\$ de Maria: «Isto é a minha devoção para além da obrigação que sinto de repartir».

E fechamos com «bodas de prata». Não são as de nenhum casal, mas as de um casal (Eu penso que as iniciais M. M.-A. L., assim ligadas por este traço de união, são monograma de Marido e Mulher que só Deus conhece, nós não) vinculado ao Património dos Pobres há 25 anos e que além da sua remessa mensal de 1.000\$ (Eu julgo que houve outras maiores de permeio) celebra a efeméride com mais 25 contos. Que não houvesse outras riquezas a dar conteúdo doutrinal a estas linhas, a discreção evangélica, a fidelidade incansável deste gesto, a unidade conjugal que exprime, bastariam para confirmar o pensamento com que as iniciei.

A M.M.-A.L. a nossa homenagem em desejo. Felizes porque ninguém lha pode prestar, senão só Aquele que lhes deu o espírito com que agem!

Padre Carlos



Director: Padre Carlos **Chefe de Redacção: Júlio Mendes**
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa